



ESTUDO DIRIGIDO PSI

PSICANÁLISE FREUD

Prof. Viviane Santos

A perda da realidade na neurose e psicose (1924)

Inicia o texto diferenciando neurose e psicose. Na neurose, o eu (ego) suprime uma parte do isso (id) (por influência da realidade) e na psicose, esse mesmo eu (ego) afasta-se de um fragmento de realidade (sob influência do isso (id)). Mas isso não condiz com a posição dele em relação à neurose, pois toda neurose perturba a relação do paciente com a realidade. A neurose também serve de meio para afastar a realidade.

Resolve a contradição. Essa posição (o eu recalca uma moção pulsional à serviço da realidade) somente acontece no início da neurose. Nesse ponto, ainda não é a própria neurose. A neurose consiste na reação contra o recalque (repressão) e no fracasso dele. O afrouxamento da relação com a realidade é consequência desse segundo passo na formação da neurose. A perda da realidade na neurose afeta exatamente aquele fragmento da realidade que as exigências produzem o recalque da pulsão.

A neurose como fracasso de uma representação recalçada não é algo novo. A mesma objeção surge quando lidamos com uma neurose na qual a causa excitante (a 'cena traumática') é conhecida e como a pessoa a abandonou à amnésia.

Toma como exemplo um caso, “em que a paciente, uma jovem, estava enamorada do cunhado. De pé ao lado do leito de morte da irmã, ela ficou horrorizada de ter o pensamento: ‘Agora ele está livre e pode casar comigo.’ Essa cena foi instantaneamente esquecida e assim o processo de regressão, que conduziu a seus sofrimentos histéricos, foi acionado”. Marca o caminho na qual a neurose tenta solucionar o conflito. Ela desvaloriza a alteração objetiva recalçando a exigência pulsional (o amor pelo cunhado). “A reação psicótica teria sido uma rejeição do fato da morte da irmã”.

Freud diz que podemos esperar na psicose uma reação parecida, embora em instâncias psíquicas diferentes. Na psicose também há duas etapas: 1. O eu (ego) é arrastado para longe da realidade e 2. A tentativa de reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade. A segunda etapa tem um caráter de reparação. “O segundo passo da psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não às expensas de uma restrição com a realidade — senão de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada”.

O segundo passo, na neurose e na psicose apoia-se pelas mesmas tendências. “Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição, de sua incapacidade a adaptar-se às exigências da realidade”.

“A diferença se expressa no desfecho final: na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, já na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento. Então a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.

Freud coloca como um comportamento de ‘normal’ ou ‘sadio’ aquele que combina características de ambas as reações: se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade. O comportamento normal conduz à realidade do trabalho no mundo externo; ele não se detém, como na psicose, em efetuar mudanças internas. Ele não é mais *autoplástico* (*característico da psicose*), mas *aloplástico*.

Na psicose, a “transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela (realidade)”, uma relação que jamais foi fechada, sempre enriquecida por novas percepções. “Assim, a psicose também depara com a tarefa de conseguir para si própria percepções de um tipo que corresponda à nova realidade”. Como isso acontece? Mediante a alucinação”. O fato dos delírios e alucinações terem caráter aflitivo, nos leva a crer que todo o processo de remodelamento se dá contrariando poderosas forças.

Reconstruindo o modelo aos moldes na neurose, vemos que uma reação de angústia (ansiedade) empurra a moção recalcada (instinto reprimido) pra frente, e o desfecho é uma conciliação, uma formação de compromisso e que não traz satisfação completa. Na psicose, o fragmento de realidade rejeitado se impõe à mente tal como a pulsão recalcada (instinto reprimido) faz na neurose. Em ambos o mecanismo é o mesmo.

Em ambas, a tarefa empreendida na segunda etapa é parcialmente mal-sucedida. Na neurose, a pulsão recalcada é incapaz de conseguir um substituto completo e na psicose a representação da realidade não é remodelada de forma satisfatória. A diferença entre neurose e psicose também está na ênfase dos processos. Na psicose incide sobre a primeira etapa (o eu é afastado para longe da realidade), na neurose, sobre a segunda (remodelamento da realidade, na neurose se relaciona com a reação contra o recalque e no fracasso dele). “Essas distinções, e talvez muitas outras também, são resultado da diferença topográfica na situação inicial do conflito patogênico — ou seja, se nele o eu (ego) rendeu-se à sua lealdade perante o mundo real ou à sua dependência do isso (id)”.

A neurose evita o fragmento de realidade e protege-se contra ele. Em ambas há tentativas de substituir a realidade desagradável por outra. Na neurose isso acontece pela fantasia. “É deste *mundo de fantasia* que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório”.

Cabe duvidar que o mundo de fantasia desempenhe na psicose o mesmo papel. Mas “o novo e imaginário mundo externo de uma psicose tenta colocar-se no lugar da realidade” enquanto na neurose, aparece como um fragmento de realidade, um fragmento diferente daquele contra o qual se quer defender-se. Na neurose, se empresta a esse fragmento uma importância especial e um significado secreto que nós chamamos de *simbólico*. Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*”.

Questão 13

Para caracterizar neurose e psicose, Freud preocupa-se não só com a “perda” da realidade mas também com um “substituto” para essa perda. Assim, na psicose, a perda de um fragmento da realidade

- A) é evitada por uma espécie de fuga.
- B) afrouxa a relação com a realidade.
- C) é remodelada intrapsiquicamente.
- D) promove uma tentativa de solucionar o conflito pela restrição do id.
- E) cria a necessidade de ignorar a realidade sem repudiá-la.

Resposta: C